

FUTURO SOMBRIO PARA MOÇAMBIQUE

Açôdo de Incomati: uma esperança frustrada

MARIE JOANNIDIS em Maputo (AFP/A TARDE)

Os moçambicanos preparam-se para passar, em clima de inquietação, o primeiro aniversário do acordo de Incomati, assinado em 16 de Março de 1984 com a vizinha África do Sul a fim de se chegar à paz e à prosperidade. Passado um ano, a situação militar e económica foi-se degradando consideravelmente em Moçambique tendo em conta, nomeadamente, a intensificação das actividades dos rebeldes armados da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana) que Pretória se tinha comprometido a não mais apoiar.

As autoridades de Maputo responsabilizaram no fim-de-semana passado, em Pretória, os dirigentes sul-africanos pelo que consideram violações do acordo, por ocasião da reunião da Comissão Mista de Segurança. Essa reunião coincidiu com a presença na África do Sul do subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker.

A visita de Crocker tinha sido precedida de uma viagem pela África Austral do seu «número dois», Frank Wisner, que reafirmou a vontade de Washington de ajudar Moçambique a sair das suas dificuldades.

O acordo de Incomati, que previa em contrapartida a cessação do apoio de Maputo às actividades do ANC, principal movimento de libertação sul-africano, tinha suscitado no país uma grande vaga de esperança relacionada com o relançamento da cooperação com a África do Sul numa altura em que o Mundo Ocidental intensificava as suas ajudas ao regime de Pretória.

Até ao presente, a cooperação bilateral traduziu-se pela assinatura de um contrato para o desenvolvimento do complexo turístico da ilha da Inhaca, ao largo de Maputo, e o aumento de 47 mil para 52 mil do número de mineiros moçambicanos autorizados a trabalhar na África do Sul.

Mas desde Incomati e, muito particularmente, depois do final de 1984, a Renamo tem tentado asfixiar a economia de Moçambique cortando as es-

tradas principais e criando um clima de insegurança nas dez províncias do país.

Maputo cercada

A tenaz fecha-se lentamente em redor de Maputo, praticamente bloqueada por estrada em direcção da África do Sul como em direcção da Suazilândia ou do Norte do país.

É certo que os comboios de viaturas ainda passam, mas têm de ser protegidos pelas forças armadas.

Os estrangeiros, convidados pelas respectivas embaixadas a não mais andar fora das cidades, abastecem-se seja por meio de aviões fretados seja por camiões que correm o risco da passagem contra o pagamento de pesadas indemnizações, ou então na loja de divisas de Maputo, divisas de que as autoridades moçambicanas têm uma falta terrível.

Essa penúria de moeda estrangeira está a travar as importações tanto de víveres como de petróleo, que já falta e põe problemas de ordem logística para a circulação rodoviária e os aviões.

Fome

«As pessoas têm fome em Maputo» — acentuam todos os observadores: secas e más colheitas, prioridade às regiões mais atingidas pela seca no Norte, quanto à ajuda alimentar internacional, debilidade no sistema de importações e so-

brejudo uma diminuição vertiginosa do valor da moeda nacional, o metical, que se cambia oficialmente à razão de 43 por um dólar norte-americano mas que no mercado negro sobe para 1500 no mínimo, contra uma «nota verde».

A penúria em víveres traduz-se igualmente por uma corrida às divisas e observam-se filas intermináveis de pessoas diante dos estabelecimentos como nos mercados, regra geral vazios.

Os mais felizes conseguem comprar um pão ou um saco de batatas na loja das divisas, chamada «Loja Franca».

Cortes de água e energia

A falta de víveres é acompanhada, na capital mas também em várias outras regiões, pela falta de transportes, cortes de energia eléctrica e de abastecimento de água.

Esses cortes no abastecimento de electricidade e água foram-se tornando praticamente normais.

«Eles (os «bandidos armados») voltaram a cortar as linhas de alta tensão, desta vez bem perto de Maputo» — explicava um ministro em conversa com alguns jornalistas durante o passado fim-de-semana, para justificar a falta de electricidade, que felizmente apenas durou alguns momentos.

No início do mês de Janeiro, a linha de alta tensão que faz o transporte de electricidade desde a África do Sul até Maputo, um ramal retirado do abastecimento de Cabora Bassa, também fora sabotada.

Os jornais oficiais acabam também de se referir à sabotagem de uma ponte, facto que perturbou o tráfico rodoviário perto da capital.

Cada cooperante que regressa do interior vai contando os efeitos do clima de insegurança.

Na província de Nampula (Nordeste do país), os técnicos já não podem aventurar-se pa-

ra além de um raio que varia entre os dez e os trinta quilómetros.

Ao Sul dessa mesma província, na região do Zambeze, as aldeias chegam a estar totalmente isoladas.

Um grupo de técnicos italianos que estão a construir duas barragens são protegidos por dois batalhões das forças armadas moçambicanas.

Desmobilização

Algumas pessoas falam de uma grande desmobilização, tanto das populações como dos militares, mal equipados: os Estados Unidos acabam de prometer uma ajuda militar de mais de um milhão de dólares em uniformes e outros artigos destinados a militares armados pelos soviéticos.

Os meios diplomáticos ocidentais estão persuadidos de que os militares e os milicianos, também atingidos pela fome, se entregam a excessos junto das populações, práticas que começam a ser criticadas nos jornais oficiais.

No plano político, os dirigentes que continuam a reclamar-se do marxismo-leninismo, ao mesmo tempo que decidiram desde 1983 seguir uma liberalização da economia, preparam-se para tirar as consequências do malogro do acordo de Incomati que, todavia, não chegam a pôr em questão.

A situação deverá ser examinada na comissão política e depois na comissão central, seguindo por fim os debates para o âmbito da Assembleia Nacional Popular e do Conselho de Ministros.

As questões que todos os observadores colocam — e também, de uma forma geral, os moçambicanos — dizem respeito ao futuro do país.

Mas também dizem respeito às intenções dos sul-africanos e dos próprios norte-americanos.

Washington manifestou um grande interesse, dado que o êxito do acordo de Incomati

poderia favorecer o desbloqueio da situação na Namíbia e em Angola, bem como a saída dos cubanos deste último país, o que continua a constituir uma das principais preocupações do governo da Casa Branca.

Desespero

«Apanhados 'pelo pescoço', os moçambicanos poderiam voltar-se para os soviéticos e até mesmo para os cubanos» — admitem certos diplomatas, o que seria inaceitável tanto por parte de Washington como por parte de Pretória.

O moçambicanos, por seu lado, perguntam-se sobre se os

sul-africanos querem realmente a paz ou se não estão «a jogar» em vários «tabuleiros» ao mesmo tempo a fim de forçar Maputo a negociar com a Renamo que, por agora, cria um quadro de instabilidade mas não ocupa verdadeiramente o território.

«Não parece que o presidente Samora Machel disponha de uma solução alternativa» — sublinha um observador ocidental, admitindo que a situação presente poderia prolongar-se e enfraquecer a prazo a posição dos dirigentes actuais face a uma população que corre o risco de vir a tornar-se cada vez menos motivada caso a situação não apresente sinais de melhoria.

